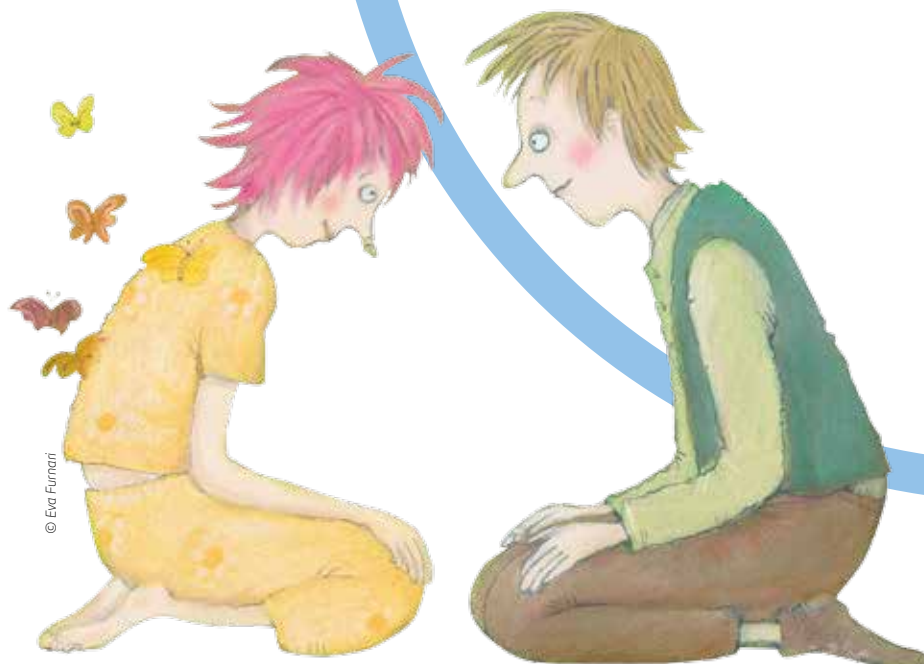


NÓS

Eva Furnari



Resenha

No tempo em que as pessoas ainda nasciam em repolhos e as bicicletas voavam, vivia Mel, uma menina que estava sempre rodeada de borboletas onde quer que estivesse. Acontece que aquilo que podia parecer lírico era, para ela, um tormento, já que os habitantes da cidade de Pamongas insistiam em zombar da garota por conta de seus acompanhantes alados. Quando ouvia os xingamentos, ela baixava a cabeça tentando não chorar e corria para longe para que ninguém visse suas lágrimas.

Certo dia, em vez de sentir vontade de chorar, sentiu foi um repuxo no pé: seu dedinho tinha dado nó! E um nó bastante danado, impossível de desatar. E não parou aí. Cada vez que a menina ouvia uma zombaria, nascia um nó novo: na perna, nas mãos, na garganta. Quando o sétimo nó apareceu, bem na ponta do nariz, para qualquer um ver, ela achou que já era demais e resolveu sair da cidade disfarçada de geladeira viajante, com direito a pinguim e tudo.

O primeiro nó se desfez quando ela dançou de alegria ao ver como tudo era lindo de cima das montanhas. O segundo nó desmanchou quando a menina deu o nó no rabo de uma vaca e depois pediu desculpas. O terceiro nó se desfez depois que ela fugiu numa bicicleta voadora, para que um garoto não notasse suas borboletas e seu nó no nariz. Quando o menino elogiou as borboletas, ela começou a chorar pra valer e o nó na garganta se desfez. E a menina acabou por descobrir que na cidade onde o garoto vivia todo mundo tinha nós, e ninguém zombava de suas borboletas. Era ali, afinal, que ela queria viver.



Coordenação:
Maria José Nóbrega

Trata-se de uma narrativa lírica e delicada que se debruça sobre o sentimento de inadequação doloroso que muitos de nós sentimos no decorrer da infância e da adolescência, quando a lei da “normalidade”, em geral, se coloca de maneira bastante intransigente e cruel. Eva Furnari lembra-nos como reprimir as emoções pode criar um acúmulo de nós bastante apertados, e como aquilo que nos torna esquisitos aos olhos dos outros pode ser justamente o que nos torna especiais e únicos.

O título *Nós* tem um duplo sentido interessante: refere-se aos nós que não amarram apenas cadarços e cordas, mas também pernas e gargantas, e que surgem quase inevitavelmente em meio às nossas interações com a comunidade em que vivemos. O lugar em que nascemos, porém, nem sempre é o lugar onde desejaremos passar nossa vida, lembra-nos Eva Furnari: por vezes, buscar outros lugares, outros encontros, outras pessoas, pode ser transformador e revelador, ajudando-nos a entender como qualidade aquilo que no lugar de onde viemos era apenas imperfeição.



Depoimento

De Mônica Rodrigues,
atriz e mãe

Se, por um lado, existe uma crença que insiste em afastar das crianças histórias complexas, pensando com isso em protegê-las da vileza, da aleatoriedade do mal, por outro, existem opções que apostam justamente em partilhar a travessia pelos espinhos do mundo com a sinceridade de um coração conectado em seu próprio ritmo.

A história de Mel é a história de todas as crianças e adultos: um dia, com uma gratuidade ímpar e meio cruel, todos nós nos deparamos com os “chatos”. Eles nos desnorteiam, nosso senso de identidade é profundamente ferido, nossa paz roubada. Ao tentar enganar a nós mesmos, fingindo que não é importante ou reprimindo nossas lágrimas, ganhamos um novo e inesperado desconforto. Um nó. Um nó de marinho na garganta? Não sei, só sei que é um nó que não se desata sozinho.

Nossa amiga Eliza, de 7 anos, e meus filhos Luara e Miguel, 5 e 9, ficaram desde o início da história muito absorvidos pela personagem Mel. Para eles,

ela é “uma menina diferente”, “quase esquisita”, não só por causa das borboletas que carrega, mas por sua inocência, pelo fascínio que mantém sobre as coisas, mesmo quando está “cheia de nós”. “Ela quer ser livre”, revelou Miguel, confessando um desejo comum a todos.

As borboletas em si já são um assunto-mistério à parte: “Alguém leva borboletas atrás, mãe? Isso existe?”, inquieta-se o maior, Miguel. Eliza argumenta sobre a liberdade da ficção: “Pode tudo nas histórias”, enquanto Luara pede silêncio e reforça: “Pode sim, Miguel”.

A cada nó sofrido por Mel, as crianças experienciaram pequenos sobressaltos de agonia, ao mesmo tempo que expressavam sua solidariedade. Quando a personagem se encontra só e teria mil motivos para se lamuriar, Eva Furnari nos oferece outra compreensão: a menina repousa, cuida de si, se recolhe com a natureza e com sua própria energia. “Eu também gosto de fazer isso, deitar e olhar o céu”, menciona Eliza. “Me acalma.” Miguel prefere as matas e florestas, enquanto Luara, expansiva, e compreendendo à sua maneira esse instante de refazimento, diz: “Só gosto de ficar na água”.

As ilustrações concretizam como Mel se empenha em lidar com seus “nós”, sua solidão ganha traços mais poéticos, e mesmo lúdicos. Ainda que vibremos com a personagem quando desata alguns nós, apreciamos deleitados o surgimento de um personagem importantíssimo: o Outro, Kiko. Foi com bastante emoção que acompanhamos o afetuoso diálogo entre os dois, a possibilidade da escuta, do bálsamo revigorante do acolhimento. “A amizade dos dois curou ela”, Miguel fala com uma significativa certeza. “Eliza, você já é minha amiga”. “Claro, né, Luara, mas eu também queria ter uma bicicleta voadora.” Risos e um concordar coletivo.

Multifacetada e benfazeja, a penetrante história de Eva Furnari não pretende oferecer soluções fáceis para os conflitos, desafetos, sapos engolidos e tristezas reprimidas. Eva se contenta em nos apresentar o viés da serenidade, do olhar poético, da contemplação, e sobretudo do estar poroso e permeável no mundo, para assim, mais facilmente, ressignificar as inquietações que por vezes nos atribulam.

As crianças apreciaram com certo alvoroço a excentricidade da cidade de Kiko, o novo companheiro de Mel. Comungaram e participaram com prazer do reconhecimento da multiplicidade dos personagens, acompanhando as ilustrações da autora nessa ampla oferta da diversidade de seres.

O livro *Nós* não se apresenta como uma defesa unilateral sobre a capacidade individual de resolvermos conflitos e mediarmos sozinho questões como *bullying*. É sobre a necessidade da soltura de dores represadas, a possibilidade de construirmos relações mais saudáveis e descomplicadas, da vida ENTRE as pessoas. Um Nós Maior.

Se terminasse por aqui, já nos daríamos fartamente por satisfeitos. Mas há um resquício de provocação da autora quase que escondido, pouco antes do ponto final da história: nossa incessante busca por um “equilíbrio estável e perfeito” pode estragar tudo. É quase impossível conviver com borboletas se não estivermos dispostos a ter um ou outro nó.



Um pouco sobre a autora

Eva Furnari nasceu em Roma, Itália, em 1948 e veio para o Brasil aos dois anos de idade, onde reside até hoje. Formou-se em Arquitetura pela Universidade de São Paulo e foi professora de Artes no Museu Lasar Segall. Na década de 1980, colaborou como desenhista em diversas revistas. Publicou semanalmente, por quatro anos, histórias da

Bruxinha no suplemento infantil do jornal *Folha de S.Paulo*. Começou sua carreira de escritora e ilustradora de livros infantis e juvenis em 1980 e hoje tem mais de 60 livros publicados. Possui livros adaptados para o teatro e publicados no México, Equador, Guatemala, Bolívia e Itália. Ao longo de sua carreira, Eva Furnari foi agraciada com diversos prêmios. Entre eles, recebeu sete vezes o Prêmio Jabuti, da CBL, e foi premiada várias vezes pela FNLIJ. Também recebeu o Prêmio APCA pelo conjunto da obra.



Leia Mais

Da mesma autora

- ✦ *O circo da Lua*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Anjinho*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Cocô de passarinho*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Bruxinha Zuzu e o gato Miú*. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Não confunda*. São Paulo: Moderna.

Do mesmo gênero

- ✦ *O patinho feio*, de Pedro Bandeira. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Cara Carlota Cornelius*, de Mathilde Stein. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- ✦ *Os cinco esquisitos*, de Beatrice Alemagna. São Paulo: WMF Martins Fontes.
- ✦ *O jardim secreto*, de Francis Hodgson Burnett. São Paulo: Editora 34.